

CORPOS QUE ENSINAM NO YOUTUBE: FISCULTURISMO E MASCULINIDADES NO CONTEXTO PÓS-COVID 19

Silas Miquéias da Silva Boldo¹
Tiago Duque²

Resumo: Este artigo investiga a construção de masculinidades e as relações de poder presentes em vídeos de fisiculturistas no YouTube, que compartilharam suas experiências de quase morte durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. A pesquisa, com abordagem qualitativa e pós-crítica, adota a etnografia digital para analisar vídeos e comentários, explorando suas implicações curriculares e pedagógicas no campo dos Estudos Culturais na Educação. Os resultados indicam que, durante a pandemia, fisiculturistas criaram narrativas de resistência física e emocional, utilizando metáforas, performances virilizadas e próteses de gênero fármaco-pornográficas para simbolizar coragem e superação.

Palavras-chave: Currículo; Pedagogia Cultural; Fisiculturismo; Masculinidades.

Bodies That Teach on YouTube: Bodybuilding and Masculinities in the Post-Covid-19 Context

Abstract: This article investigates the construction of masculinities and power relations in videos of bodybuilders on YouTube, who shared their near-death experiences during the Covid-19 pandemic in Brazil. The research, with a qualitative and post-critical approach, adopts digital ethnography to analyze videos and comments, exploring their curricular and pedagogical implications in the field of Cultural Studies in Education. The results indicate that, during the pandemic, bodybuilders created

¹ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4841-3826> E-mail: silas.miqueias@ufms.br

² Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1831-0915> E-mail: tiago.duque@ugms.br



narratives of physical and emotional resilience, using metaphors, virilized performances, and pharmacopornographic gender prosthesis to symbolize courage and overcoming.

Keywords: Curriculum; Cultural Pedagogy; Bodybuilding; Masculinities.

CORPOS HIPERBÓLICOS EM ASCENÇÃO

Este estudo tem como objetivo investigar o currículo e a pedagogia cultural não formal presentes nos vídeos de fisiculturistas no YouTube, com foco especial no contexto pós-pandemia da Covid-19³. A análise concentra-se em como dietas, farmoquímicos e práticas de musculação contribuem para a construção das masculinidades nesse “novo” cenário educativo, buscando compreender de que maneira esses discursos digitais moldam ideais “naturais” e normativos de masculinidade para os “homens”. Nesse contexto, é essencial reconhecer que as questões de gênero, sexualidade, raça e corporalidade não se restringem às instituições tradicionais ou à regulação familiar, mas são constantemente construídas e (re)significadas em diversos espaços educativos, como as plataformas digitais (Costa; Silveira; Sommer, 2003). Em consonância com Fischer (2002, p.68–69), podemos afirmar que “não é somente a escola que educa; outras instâncias sociais também o fazem, ao construir representações e subjetivar indivíduos e grupos sociais”. Hermann (2001, p.20) ressalta que “desde as mais antigas tradições, a educação sempre teve uma intencionalidade ética legitimada, ou seja, ela se definiu pela inscrição de cada sujeito em uma história compartilhada de valores”. Louro (2001) argumenta que esses “saberes” não são apenas reproduzidos, mas também

³ As análises que seguirão são resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do primeiro autor no Bacharelado em Ciências Sociais da UFMS. Elas também fazem parte do projeto coordenado pelo segundo autor, intitulado “Currículo, pedagogia cultural e artefatos midiáticos: governamentalidade e qualidade de vida na produção das diferenças de gênero e sexualidade em um Brasil pós-pandemia da Covid-19”, que recebeu financiamento por meio de edital para Bolsa em Produtividade de Pesquisa do CNPq.

subvertidos pelos sujeitos, que lhes atribuem novos sentidos e possibilidades.

Ao discutir o conceito de currículo, propomos uma abordagem que ultrapassa a visão tradicional de um conjunto fixo e organizado de saberes. Como destaca Silva (2013, p.189), “o currículo deve ser visto em suas ações (aquilo que fazemos) e em seus efeitos (o que ele nos faz)”, evidenciando seu caráter dinâmico, performativo e relacional. Para o autor, o desejo de regulação é inerente ao currículo, assim como o impulso pedagógico de moldar os sujeitos, orientando-os a adotar características, habilidades e comportamentos desejados para a convivência social. Contudo, os sujeitos não são apenas subordinados a esses processos; ao interagirem com o currículo e com as práticas pedagógicas, também o produzem, reinterpretam e (re)significam (Maknamara, 2020). Nesse cenário, a pedagogia cultural refere-se às formas como os saberes circulam e são apropriados (Sabat, 2001). Embora frequentemente conduzida por sujeitos em posições de “autoridade pedagógica”, essa pedagogia cultural compartilha semelhanças com o espaço escolar, sobretudo no que diz respeito ao papel do educador como mediador de saberes (Silva; Duque, 2024). Nesse processo, o corpo assume uma função pedagógica, operando como linguagem que ensina, comunica e performa, mesmo na ausência da palavra. Ao interagir com o corpo do “outro”, ele revela sua condição de reflexo das tecnologias sociais e culturais que nos atravessam e que utilizamos para nos constituir como seres “inteligíveis” e “visíveis” socialmente (Duque, 2020).

No fisiculturismo, a busca pela construção de um corpo hiperbólico — caracterizado por grande volume muscular, simetria estética e baixo percentual de gordura — é um processo contínuo e altamente disciplinado (Souza; Ferreira, 2016). Para alcançar esse ideal, atletas seguem rotinas rigorosas de treino e dieta, combinando musculação e aeróbicos. Durante o “*bulking*”, a ingestão calórica aumenta para estimular o crescimento muscular, enquanto no “*cutting*”, ajustam-se

alimentação e treino para reduzir a gordura e evidenciar a definição muscular, o que pode causar fragilidade física temporária (Monaco, 2016). As competições fisiculturistas são permeadas por normas de gênero e sexualidade, que determinam padrões estéticos específicos para homens e mulheres. Nos homens, a ênfase está na exibição muscular, com poses inspiradas na arte clássica grega, bronzeamento e cortes de cabelo curtos. Já nas mulheres, como nas categorias “*Bikini Fitness*” e “*Women’s Physique*”, esperam-se biquínis brilhantes, cabelos longos e poses que ressaltam curvas e harmonia corporal. Além das aparências, a sonoridade dos eventos reforça as distinções de gênero. Enquanto as apresentações masculinas são embaladas por trilhas épicas e intensas, as femininas optam por estilos musicais mais suaves e pop (Amodio, 2024). Além disso, algumas categorias femininas incluem desfiles no palco, uma prática ausente nas competições masculinas. Quando o desenvolvimento muscular feminino ultrapassa os padrões, surgem debates sobre os limites do corpo da “mulher” no esporte, especialmente em relação a patrocínios e atratividade midiática (Monaco, 2016).

Em relação ao mercado fitness nacional, dados de 2019 indicam que o setor alcançou US\$ 2,1 bilhões, tornando-se o terceiro maior das Américas, atrás apenas dos EUA e do Canadá (Cresce [...], 2022). Contudo, há ainda outras particularidades a se considerar. No fisiculturismo “não natural”, por exemplo, muitos atletas recorrem ao uso de esteroides anabolizantes e hormônios de crescimento (GH), frequentemente de forma ilegal e sem supervisão médica, expondo-se a riscos significativos para a saúde. No Brasil, as vendas de anabolizantes aumentaram impressionantes 670% nos últimos cinco anos, refletindo o crescimento significativo no consumo dessas substâncias (Scaff, 2024). Em abril de 2023, em resposta ao crescente uso de anabolizantes, o Conselho Federal de Medicina (CFM) publicou a Resolução n.º 2.333/23, proibindo a prescrição médica dessas substâncias para fins estéticos, como o ganho de massa muscular e a melhora do

desempenho esportivo, devido à falta de comprovação científica sobre seus benefícios e segurança (Conselho Federal de Medicina, 2023). Esse cenário abre caminho para a abordagem metodológica e os resultados que serão discutidos a seguir, com ênfase nas dimensões pedagógicas e curriculares do fisiculturismo na produção das masculinidades em um contexto pós-Covid-19. Acreditamos que as análises que seguirão irão enriquecer a compreensão das experiências educativas contemporâneas, contribuindo para a reflexão crítica sobre o papel das representações de gênero, saúde e corpo na sociedade atual.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem teórico-metodológica pós-crítica em Educação, que privilegia a (re)imaginação, a “rasura” e a adaptação de conceitos e métodos (Meyer; Paraíso, 2012). Nesse contexto, escolheu-se a etnografia digital, um método que envolve a imersão e observação das interações sociais no ambiente on-line, reconhecendo as especificidades desse espaço sem tratá-lo como um universo isolado do mundo off-line (Leitão; Gomes, 2017). Para registrar as informações, foram criadas fichas etnográficas no *Notion*, uma ferramenta digital usada como caderno de anotações. Essas fichas integraram transcrições dos vídeos analisados, interações e comentários extraídos das plataformas. O título, link e transcrição dos vídeos foram documentados com o auxílio do site *HappyScribe*. A seleção dos comentários seguiu até o ponto de saturação das informações, garantindo uma análise representativa do conteúdo. Durante o processo de transcrição, observações relacionadas ao currículo e à pedagogia cultural foram incorporadas, refletindo as percepções adquiridas ao longo da imersão etnográfica (Giroux, 2001). Considerando que os dados analisados são amplamente acessíveis na internet, não foi necessário um aviso prévio sobre a pesquisa (Duque, 2024).

Em conformidade com as recomendações de Oliveira, Silva-Silva e Sales (2024) e as diretrizes éticas estabelecidas pela Associação de Pesquisadores da Internet (Franzke et al., 2019), as posições discursivas foram apresentadas entre colchetes e parênteses, de forma a identificar os diferentes interlocutores sem expor indivíduos específicos. A inserção prolongada no ambiente digital e o acesso amplo às informações possibilitaram uma análise aprofundada e crítica, distanciando-se de pesquisas tradicionalmente classificadas como de “inspiração etnográfica” no campo da Educação (Oliveira, 2013). A investigação foi orientada pela noção de discurso (Foucault, 1988) e pelas concepções sobre os processos de subjetivação (Rose, 2001). Dentro dessa perspectiva, ao longo da pesquisa, buscamos questionar, do ponto de vista teórico-metodológico: quem está falando, com base em quais critérios de verdade, a partir de quais posições e relações e sob quais formas de autoridade, hábitos e rotinas? Investigamos também “em quais espaços e contextos essas formas de persuasão, sanção, mentiras e crueldades operam” (Rose, 2001, p.158). O objetivo não é estabelecer uma “verdade essencial” nem classificar essas dinâmicas como “boas” ou “ruins”, mas compreender seus mecanismos de funcionamento, suas interconexões e as forças que as atravessam e mobilizam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste artigo, o artefato cultural analisado é um recorte de um *videocast* com mais de duas horas de duração, transmitido ao vivo por um canal no YouTube em 30 de janeiro de 2022. Esse formato híbrido, que combina elementos audiovisuais e de *podcast*, proporciona uma interação em tempo real, semelhante à de um programa de TV, mas mediada pelo chat e pela seção de comentários. No episódio em análise, três fisiculturistas participam de uma mesa redonda composta por um atleta negro, um médico e um empresário do setor farmacêutico — ambos brancos. A conversa gira em torno da recuperação do fisiculturista negro, que, após tomar duas doses da vacina contra a Covid-19 e enfrentar complicações em

uma cirurgia no cotovelo, contraiu o vírus e viveu uma experiência de quase morte. Em seu relato, o atleta atribui a gravidade do quadro à queda abrupta nas plaquetas, que ele acredita ter sido provocada pelo uso de “antibióticos poderosíssimos”, os quais teriam deixado seu organismo mais vulnerável ao coronavírus. Um aspecto especialmente relevante neste primeiro momento é a configuração do espaço e a disposição dos participantes ao redor da mesa, que conforma um ambiente de homosocialidade — um espaço majoritariamente masculino, onde comportamentos associados à masculinidade são reforçados e legitimados.

Segundo Takakura (2016), contextos como esse funcionam como locais de aprendizado, validação e reforço de comportamentos masculinos, estabelecendo distâncias específicas entre as diferentes formas de “tornar-se homem”. Nesse sentido, Butler (2019) defende que as diferenças de gênero são continuamente moldadas por práticas discursivas (re)iteradas, que impõem limites, mas também abrem possibilidades para a ação e a subversão dos sujeitos. Preciado (2018) amplia essa perspectiva ao sugerir que o gênero se constitui também por meio de próteses, que vão desde roupas até substâncias químicas, como a testosterona, ampliando as possibilidades de expressão e modulação das identidades de gênero-sexualidade. Durante a pandemia de Covid-19, por exemplo, Medrado et al. (2021) observaram que certos padrões de masculinidade — marcados por comando, controle e honra — fomentaram entre os homens uma percepção de invulnerabilidade. Essa sensação levou muitos a negligenciar medidas preventivas fundamentais, como o uso de máscaras e o isolamento social, contribuindo para taxas de mortalidade mais altas entre os homens em comparação às mulheres. Em contraste, as mulheres, ao assumirem funções de cuidado e gestão de riscos, expressaram formas alternativas de poder e agência.

No episódio, o fisiculturista negro exemplifica um ideal masculino performativo que remonta ao período pré-Covid-

19, marcado pelo uso de esteroides, dietas rigorosas e intensos regimes de musculação. Esse ideal não apenas serve como referência para avaliar práticas masculinas no pós-pandemia, mas também se configura como um elemento central na “educação” da masculinidade. O início desse processo de ensino, com sua imersão pedagógica e curricular, é evidenciado pela decisão de mudar-se para um novo apartamento, com o objetivo de proteger sua esposa de uma possível contaminação. Essa decisão revela a internalização de normas de gênero. Ele relata: “Voltei para casa, passei a tarde inteira dormindo. À noite, comi pouco e pensei: ‘Estou aqui em casa. (Nome da companheira) está aqui; não posso passar nada para ela. Vou para o apartamento ficar sozinho’”. Já no novo espaço, toma dipirona de maneira peculiar, enfatizando: “Fui para o apartamento para ficar sozinho e tomei minhas doses de dipirona *com força*, né?” (grifo dos autores). O episódio ilustra como as masculinidades e feminilidades operam como categorias simbólicas e “metáforas de poder” dentro do sistema binário de sexo-gênero (Almeida, 1996).

Nesse contexto, a noção de agência diz respeito à capacidade de agir dentro dos limites sociais estabelecidos, mesmo que tal ação não represente uma resistência explícita (Piscitelli, 2008). É importante destacar que os efeitos dessas dinâmicas não são homogêneos, pois são atravessados por marcadores sociais como classe, raça, geração e sexualidade. Considerando o contexto produtivo do fisiculturismo — que modela corpos e subjetividades —, a escolha semântica da palavra “força”, destacada pelo fisiculturista, adquire um valor pedagógico relevante. Santos, Prado e Francisco (2017) reforçam essa perspectiva ao argumentarem que, no universo do fisiculturismo, a ideia de força e autocontrole sustenta um ideal de “ser homem” que contribui para a produção de uma “hipermasculinidade”, fundamental para a construção de uma imagem corporal idealizada, ainda que raramente plenamente alcançada. Esses valores são incorporados por meio de práticas pedagógicas corporais, como se evidencia no relato do atleta. Após contrair a infecção, mesmo apresentando febre alta e dor

intensa no braço operado, ele opta por não buscar ajuda médica imediata. Em um momento de angústia, relata: “Sozinho e com uma dor no braço insuportável, eu pensei: ‘Isso aqui me infeccionou de novo, não é possível’”. Apesar dos sintomas graves, como falta de ar e fraqueza, ele decide não chamar uma ambulância, reafirmando os ideais de controle, resistência à dor e autossuficiência — pilares centrais da masculinidade que busca afirmar.

Em seu discurso, ele reforça a performance de gênero esperada, sugerindo que os homens devem manter uma postura heroica, mesmo quando debilitados: “Fui para o (nome do hospital) sozinho porque não tinha como levar alguém comigo”. Esse comportamento sublinha a valorização da masculinidade associada à disposição de assumir riscos, mas também levanta questões sobre os limites dessa “proteção”: quem, de fato, é protegido, e de que forma os riscos assumidos por esses homens podem colocar em perigo a vida de outros? Voks (2021) destaca que as masculinidades são (re)inscritas e se deslocam conforme os contextos culturais e sociais, assumindo diversas formas ao longo do tempo, mas frequentemente preservando as mesmas dinâmicas de poder. No *videocast*, atitudes imprudentes, como dirigir em estado debilitado, são apresentadas como demonstrações de coragem e virilidade, reforçando performances masculinas que já estavam em circulação antes da pandemia. A naturalização desse comportamento evidencia como tais ações são legitimadas por meio de redes de poder e reconhecimento mútuo. O médico e fisiculturista, amigo do atleta, contribui para essa validação ao comentar, com um sorriso irônico, o feito do colega: “(Nome do fisiculturista) quase desmaia dirigindo até o (nome do hospital) [sorri e coloca a mão na cabeça]”.

Do outro lado da mesa, o fisiculturista e empresário do setor farmacêutico, embora demonstrando preocupação, valida a bravura do amigo com uma expressão de espanto admirado: “Meu Deus”. Ao narrar sua chegada ao hospital, visivelmente debilitado e sem forças para caminhar, o atleta

recorre a uma analogia que reforça a lógica da superação física extrema: “[...] pulmão faltando o ar, como se tivesse feito 30 agachamentos com 180 quilos de cada lado”. Em tom épico, rememora o momento em que, já em estado crítico, clama por ajuda: “Sentei na pilastra e falei: ‘Me ajuda, pelo amor de Deus. Eu não consigo mais respirar’”. A falta de ar era tão intensa que, segundo ele, “parecia estar em um mata-leão” — referência a um golpe de imobilização. Essa narrativa funciona como um currículo simbólico, no qual são ativadas “heteronormas” que impõem a repressão ou o deslocamento de sinais de exaustão e vulnerabilidade, reafirmando a bravura e a resistência como pilares da masculinidade ideal (Brito, 2022). Esse enredo é reforçado quando, após o atendimento inicial feito por uma médica — que avaliou seus batimentos cardíacos e níveis de oxigenação —, o atleta relata que seu convênio foi recusado.

A situação, que poderia ser compreendida como um momento de fragilidade ou vulnerabilidade, é resignificada dentro de uma lógica heroica. Em tom de façanha, o fisiculturista relata como um amigo médico — ausente do *videocast* — teria interrompido seus compromissos profissionais, utilizado o próprio carro e o conduzido até outro hospital onde o convênio seria aceito. O episódio é apresentado como um gesto de lealdade entre homens, reforçando a ideia de uma rede de apoio masculina que opera como recurso simbólico na construção de uma masculinidade fundada no controle, na resistência e na solidariedade viril — mesmo diante da adversidade. No desenrolar desse currículo pedagógico não formal, o fisiculturista negro valoriza o comprometimento do amigo, conferindo prestígio à sua atitude e enaltecendo-a como expressão de hombridade dentro de seu grupo social. Em um dos trechos, afirma: “É o que a gente está disposto a fazer, né? Quem mais pegaria um paciente com Covid em estado agudo e o levaria no próprio carro para o hospital?”. Com essa enunciação, ele não apenas reconhece o esforço do amigo, mas também reafirma um ideal masculino sustentado por heroísmo, coragem e cumplicidade. Zanello (2020) contribui para essa análise ao afirmar que a

construção das masculinidades envolve elevados níveis de cumplicidade entre homens, exigindo estratégias de negação e constantes provas de adesão ao ideal masculino socialmente valorizado. Tais dinâmicas, muitas vezes, passam pelo silenciamento de práticas potencialmente inadequadas — como é o caso do atendimento médico informal descrito.

A repercussão entre os espectadores do vídeo reforça essa legitimação coletiva: “Nessas horas é que a gente vê quem é amigo de verdade”, escreveu um usuário, reafirmando os vínculos de fidelidade e honra como elementos estruturantes dessa pedagogia da masculinidade. Nessa sequência didática, após a narração dos eventos, o grupo aplaude entusiasticamente a ação do médico que ajudou o fisiculturista negro a ser transferido para um hospital que aceitava seu convênio, exclamando: “Não, uma salva de palmas para você, (nome do médico), caramba!”. Em resposta, o fisiculturista mescla admiração e ironia ao comentar: “Mandou bem, residente, mas vai ter que fazer prova do mesmo jeito, seu merda [todos riem]”. Esses momentos capturados remetem à discussão de Hall (2016) sobre a linguagem como um sistema dinâmico de representação que constrói a realidade. O autor argumenta que o significado das representações culturais é continuamente negociado e redefinido por meio da interação entre conceito (significado) e expressão cultural (significante). Sob uma perspectiva construcionista da linguagem, Hall (2016) sugere que palavras e imagens carregam múltiplos sentidos, variando conforme o contexto e a interpretação. Essa abordagem dialoga com Foucault (1988), que aponta que nomear não apenas descreve, mas também cria realidades e estabelece relações de poder. Nesse contexto, o riso coletivo que se segue à expressão “seu merda” assume um papel pedagógico e curricular específico dentro do ambiente cultural em questão. A interação não apenas reforça laços de pertencimento entre os participantes, mas também reproduz hierarquias simbólicas que estruturam relações de autoridade e poder no grupo.

Nesse contexto, Souza (2014) argumenta que as masculinidades frequentemente se estruturam por meio de relações assimétricas de poder entre os homens, sustentadas por práticas de rebaixamento simbólico, ironia, insulto e violência verbal, conceito que ele chama de “falomaquia”. Esse fenômeno se refere a um combate simbólico entre sujeitos masculinos, em que o falo — enquanto metáfora de poder, virilidade e autoridade — torna-se o eixo central de disputas por reconhecimento, prestígio e legitimidade. Assim, expressões como “merda” não devem ser lidas como simples ofensas banais, mas como dispositivos foucaultianos de poder, que funcionam como mecanismos de regulação social, ajustando as posições subjetivas e reforçando hierarquias internas nos grupos masculinos. Para Foucault (2000), dispositivos são conjuntos de práticas, discursos e normas que regulam comportamentos e relações sociais, e no caso da “falomaquia”, tais expressões operam como tecnologias de poder que mantêm a coesão e a normatividade masculina. Agamben (2005) amplia essa definição, ao sugerir que dispositivos são qualquer tecnologia ou invenção humana com a capacidade de controlar comportamentos e discursos, o que se aplica diretamente à linguagem agressiva entre homens, que atua como uma ferramenta de construção e manutenção dessas relações de poder.

No *videocast* analisado, por exemplo, o uso dessa linguagem — dirigida ao médico residente, colega do fisiculturista branco — não só marca sua posição subalterna dentro do grupo, mas também atualiza códigos tácitos de masculinidade, em que o prestígio simbólico é conquistado por meio da performance viril e da validação mútua entre os pares. Tais dinâmicas evidenciam que, mesmo em espaços supostamente colaborativos ou de amizade, persiste uma lógica de disputa, que se estende até esferas como a formação profissional e acadêmica. Outro exemplo dessa dinâmica é evidenciado quando, em um momento posterior do *videocast*, o empresário farmacêutico, ao relatar o incidente, não se limita à simples contextualização, mas engaja a audiência ao pedir

que “imaginem” o estado do fisiculturista ao chegar ao hospital. Esse comando não apenas orienta a interpretação do discurso, mas também funciona como uma técnica comum em produções publicitárias, cuja finalidade é “fixar a cadeia flutuante dos significados e combater o terror dos signos incertos” (Sabat, 2001, p.12). A repetição dessa técnica é também evidenciada na capa do vídeo, que destaca de forma repetitiva a palavra “morte” e exhibe a imagem abatida do fisiculturista, reforçando, assim, o caráter dramático e heroico da narrativa.

Ao criar imagens com significados específicos no contexto da pandemia, o *videocast* se dirige a um público-alvo, provavelmente composto por homens que vivenciaram ou acompanharam a experiência da Covid-19. Comentários como “Peguei Covid na minha viagem de férias. Em 48 horas passei de sintomas leves para necessidade de UTI. A sensação de morte, a falta de ar... me vi no relato do (fisiculturista negro) [21 curtidas]” ilustram a conexão emocional e identitária com o público, demonstrando uma identificação profunda com as vivências compartilhadas no *videocast*. A interação entre o vídeo e as respostas da audiência reforça a construção discursiva, ampliando a ideia de superação das consequências da doença. Em um comentário, um espectador afirma: “Com sua *determinação incansável*, irá superar cada fase da reabilitação até retornar plenamente aos treinos” (grifo dos autores). A ênfase na “determinação incansável” necessária para superar os efeitos da Covid-19, aliada à menção à perda de 20 kg durante a internação, sugere uma mensagem instrutiva, orientando que a valorização da resiliência e da recuperação física é essencial para os homens superarem a doença. Nesse contexto, a recuperação é entendida como uma prova de força e virilidade, reafirmando a ideia de que a masculinidade se constrói por meio da resistência, do controle e da capacidade de enfrentar adversidades físicas e emocionais múltiplas.

Essa valorização, associada ao fisiculturismo, é deslocada para o cenário da Covid-19, adicionando uma camada de

superação que inclui o risco de morte e a possibilidade de reconstruir a própria imagem com base nos mesmos valores preestabelecidos de comprometimento, esforço e desenvolvimento muscular. No trabalho de campo, seja no discurso dos personagens do *videocast* ou nos comentários da audiência que interage com o artefato, determinadas expressões adicionam complexidade aos significados dessas tecnologias de controle. A expressão “tigre”, mencionada por um amigo fisiculturista médico durante o *videocast*, descreve a coragem do fisiculturista contaminado em enfrentar o vírus, mas não necessariamente em buscar cuidado médico: “Cara, o (nome do fisiculturista) é um *tigre*. Ele veio dirigindo até aqui [ênfase na frase] e depois deixou para cair na frente do hospital [...]” (grifo dos autores). É importante notar que esses termos não são aplicados a outros fisiculturistas, citados ou presentes no *videocast*, o que indica que a valorização desses atributos está exclusivamente vinculada ao fisiculturista negro. Um comentário diz: “Essa parte ‘eu vou morrer’ me emocionou tanto, até chorei. Você é um *touro*, (nome do fisiculturista negro), uma maravilhosa recuperação pra você ❤❤❤” (grifo dos autores).

Pedagogicamente, metáforas como “tigre” e “touro” são usadas de maneira específica para reforçar a ideia de força e resiliência nos corpos masculinos, mas com uma particularidade importante: essas imagens são atribuídas exclusivamente ao fisiculturista negro. O uso do “touro” nesse contexto sugere uma capacidade quase sobre-humana para enfrentar desafios extremos, como a Covid-19 no pós-pandemia, destacando a resistência física de um corpo racializado. Essa escolha metafórica não apenas exalta a força, mas também se alinha com representações históricas que associam os homens negros a uma força descomunal e a uma robustez racialmente construída (Souza, 2014). Em contraste, essas imagens não são utilizadas para os corpos brancos, o que evidencia como o *videocast* constrói uma masculinidade diferenciada e racializada. Nesse processo, as expressões adotadas no *videocast* funcionam como recursos discursivos



que conectam a audiência, principalmente homens negros que se identificam com os desafios da pandemia, a uma experiência emocional compartilhada. A dinâmica do *videocast* evidencia a eficácia do endereçamento, mostrando que foi projetado para alcançar um público específico, explorando elementos emocionais e discursivos que aprofundam a identificação com a experiência narrada (Ellsworth, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos fragmentos analisados, a masculinidade do fisiculturista negro é associada ao “estilo de vida fisiculturista”, mas também se configura como um símbolo de heroísmo, especialmente no que tange à sua “vitória” sobre a Covid-19. O enfrentamento e a superação da doença são retratados como um verdadeiro teste de coragem e resistência, elementos que reforçam sua masculinidade, fundamentada em valores conservadores que foram reconfigurados no contexto pandêmico. Nesse cenário, a dipirona pode ser vista como uma “prótese de gênero”, uma vez que exige que o indivíduo prove sua capacidade de resistir aos efeitos da Covid-19, transformando esse desafio em uma forma de validação de sua masculinidade, funcionando como um atestado de sua força. Termos como “tigre” e “touro” ganham um significado particular, funcionando para criar e reforçar uma narrativa de vigor e resistência superiores, com uma diferenciação racial implícita: o termo “tigre” é associado aos brancos, enquanto o corpo negro fica excluído dessa conotação. Essas expressões não apenas sublinham as forças atribuídas aos corpos negro e branco, mas também os posicionam em dinâmicas discursivas que geram um poder simbólico, conferindo-lhes uma agência específica.

A disseminação desse “currículo corporal” demonstra que essas representações vão além das materialidades biológicas, inserindo-se em processos pedagógicos que moldam os corpos através de artefatos culturais voltados para públicos específicos, como fisiculturistas ou praticantes de musculação.



No entanto, esses artefatos transcendem o universo fitness, estendendo-se a um mercado mais amplo, em que noções de corpos ideais, combativos e desejáveis permeiam várias esferas da sociedade. Essa influência alcança também o contexto escolar, demandando uma reflexão crítica, pois impacta tanto alunos quanto docentes que estão inseridos nesta conjuntura histórica e socialmente produtiva, particularmente no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade. Por fim, essa análise revela a necessidade de repensar outros espaços educativos, visto que as performances de gênero e sexualidade normativas, frequentemente associadas à heterossexualidade, são construídas socialmente e influenciam diretamente a vivência das masculinidades, tanto antes, durante quanto após a pandemia.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *In*: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009, p.27–51.

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal. **Anuário Antropológico/95**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.161–190.

AMODIO, Maria. Homens e mulheres encaram sacrifícios e riscos com o fisiculturismo. **G1: Fantástico (YouTube)**, 2024.

BRITO, Leandro Teofilo de. “Enfrentar o vírus como homem e não como moleque”: quando a masculinidade tóxica se torna genocida. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 2, 2022. p.150–162.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução CFM nº 2.333, de 30 de março de 2023. **Diário Oficial da União**,



Brasília, DF, 11 abr. 2023. Disponível em: https://sistemas.cfm.org.br/normas/arquivos/resolucoes/BR/2023/2333_2023.pdf. Acesso em: 23 mar. 2025.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, 2003, p.36–61.

CRESCE demanda do mercado fitness e saúde. **Terra**, 2 ago. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/cresce-demanda-do-mercado-fitness-e-saude,747decbf15d0277ba9c06bf668bf85ee5wzoblgw.html>. Acesso em: 23 mar. 2025.

DUQUE, Tiago. Corpo de fala e pesquisa: autorreflexões sobre identidade e diferenças. *In*: NOGUEIRA, G. et al. **Lugar de fala: conexões, aproximações e diferenças**. Salvador: Devires, 2020, p.71–77.

DUQUE, Tiago. Deve o pesquisador beber catuaba? Experiências teórico-metodológicas na era digital. *In*: OLIVEIRA, Danilo Araújo de; SILVA-SILVA, Luiza Cristina; SALES, Shirlei (Orgs.). **Metodologias de pesquisas científicas no Ciberespaço/Cibercultura**. Curitiba: Appris, 2024, p.41–60.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito** (org e trad.), Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FRANZKE, Aline Shakti; BECHMANN, Anja; ZIMMER, Michael, ESS, Charles M. Association of internet Researchers (2020). **Internet Research: Ethical Guidelines 3.0** Disponível em: <https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025



FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. *In*: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.49–71.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

GIROUX, Henry A. A disneyzação da cultura infantil. *In*: SILVA, Tomaz T. da e MOREIRA, Antonio F. B. (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 49-81.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HERMANN, Nadja. **Pluralidade e ética em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEITÃO, Debóra K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 42, 2017, p.41–65.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, 2001, p.541–553.

MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**, v. 27, n. 1, 2020. p. 58-73.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge; NASCIMENTO, Marcos; BEIRAS, Adriano; CORRÊA, Aurea Christina de Paula; ALVARENGA, Eric Campos; LIMA, Maria Lucia Chaves. Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da



pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, jan. 2021, p.179–183.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MONACO, Helena Motta. “Se músculo é coisa de homem, por que você não tem?” Etnografia do fisiculturismo feminino em Santa Catarina. **Mosaico Social** — Revista do Curso de Ciências Sociais da UFSC, Santa Catarina, n. 8, 2016.

OLIVEIRA, Amurabi. Por que etnografia no sentido estrito e não estudos do tipo etnográfico em educação? **FAAEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, dez. 2013, p.69–81.

OLIVEIRA, Danilo Araujo de.; SILVA-SILVA, Cristina Luiza; SALES, Shirley. Pistas metodológicas: Possibilidades inventivas para pesquisas na internet. *In*: OLIVEIRA, Danilo Araújo de; SILVA-SILVA, Luiza Cristina; SALES, Shirlei (Orgs.). **Metodologias de pesquisas científicas no Ciberespaço/Cibercultura**. Curitiba: Appris, 2024, p.23–39.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, 2008.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.137–204.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, 2001, p.4–21.



SANTOS, Victor Cesar Belloni dos; PRADO, Vagner Matias do; FRANCISCO, Marcos Vinicius. Tá “monstrão!” A construção da masculinidade em uma academia de musculação. **V SIES: Conhecimentos Transversais, Currículos Identitários e Pluralidades de Gênero**, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). ***Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação***. Petrópolis: Vozes, 2013, p.185–201.

SILVA, Silas Miquéias da; DUQUE, Tiago. O peão e a morena: aspectos currículo-pedagógicos no retorno da novela Pantanal. *In*: CONCEIÇÃO, Analine de Novaes; SILVA, Analigia Miranda da; MARTINS, Flavia Wergzyn Magrielli (Orgs.). ***Práticas e pesquisas em educação***. Campo Grande: Editora UFMS, 2024, p.123–139.

SOUZA, Andreza Conceição de; FERREIRA, Jaqueline Teresinha. O fisiculturismo no Brasil: Uma análise histórico-social. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, n. 221, 2016.

SOUZA, Rolf Malungo de. Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. **Antropolítica** — Revista Contemporânea de Antropologia, n. 34, 31 jan. 2014.

TAKAKURA, Sandra Mina. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 97–124, 2017.

VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 1–22, 2021.

ZANELLO, Valeska. Masculinidade, cumplicidade e misoginia na “Casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de



WhatsApp masculinos no Brasil. *In*: FERREIRA, L. (Org.) **Gênero em perspectiva**. Curitiba: CRV, 2020, p.79–102.

Recebido em 14/05/2025.

Aprovado em 03/11/2025.